

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : 661

DATA : 07 01 91

PG. : capa
A-4

FOLHA DI

Diretor de Redação: Otavio Frias Filho ★ São Paulo, segunda-feira, 7 de janeiro de 1991 ★ Ur

Antonio Gaudério



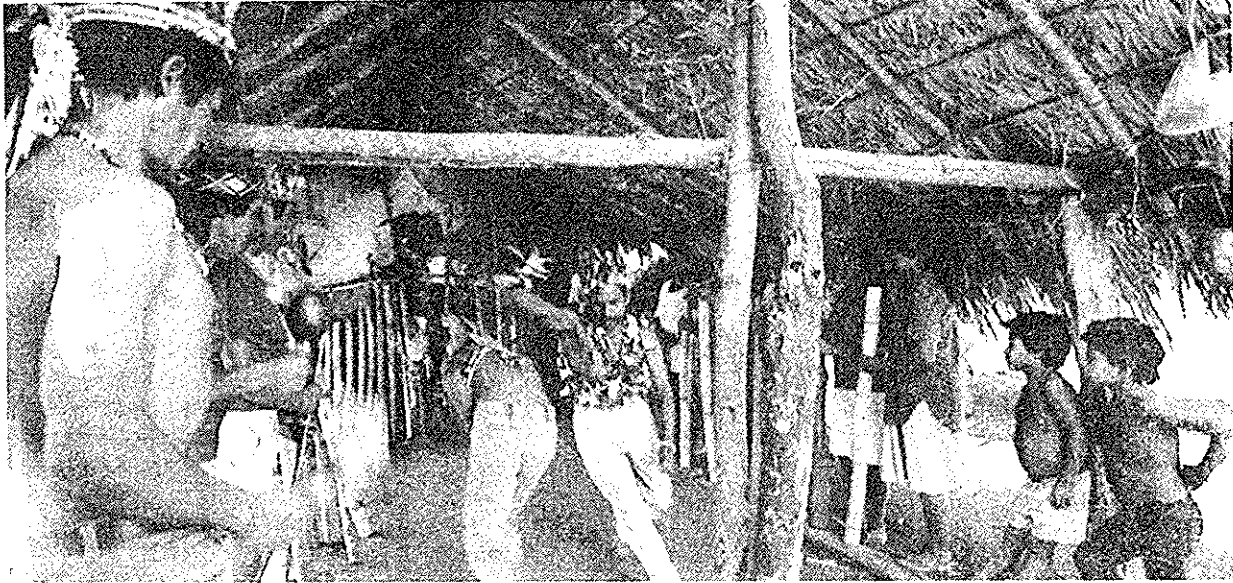
Na reserva de Dourados, índios kaiuá fazem cerimônia contra o 'feitiço' que, para eles, causa suicídios

Índios denunciam 'feiticeiros'

Os índios kaiuá, guarani e terena atribuem a "feiticeiros do mal" os 74 suicídios ocorridos na reserva de Dourados (MS) nos últimos dois anos — seis nos últimos 20 dias. Os kaiuá (3,7 mil entre os 7 mil habitantes da reserva) querem a volta da punição com morte ou expulsão para os "feiticeiros", não prevista na "lei dos brancos". Para antropólogos, miscigenação, miséria e alcoolismo são causas mais prováveis dos suicídios. PÁG. A-4

Índios culpam 'feitiços' e não miséria por onda de suicídios

Fotos Antonio Gaudério



Índios kaiuá dançam na cerimônia da "porarey", que segundo eles afasta o mal e combate "feitiços"

Estudos ainda não explicam auto-extermínio

Do enviado especial a Dourados

Os estudos antropológicos ainda não chegaram a nenhuma conclusão objetiva sobre os suicídios dos índios da reserva de Dourados, tidos cientificamente como incógnitas. Porém, a miséria e a miscigenação de nações indígenas são tidos como fatores preponderantes no suicídio dos índios, segundo pesquisas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e de técnicos da Funai.

O alcoolismo —que atinge cerca de 40% dos índios da reserva—, o registro de oito mortes provocadas pela tuberculose no ano passado e disputas pela evangelização também podem estar entre as causas dos suicídios, segundo antropólogos e psicólogos. Mais um grupo de técnicos da Funai chega hoje à reserva, com o objetivo de iniciar um trabalho de assistência social aos índios.

A mistura de diferentes grupos indígenas numa mesma reserva pode provocar um conflito entre os índios. Os terena, que, com 70 famílias, são minoritários na reserva, tentaram substituir Carlito Oliveira na função de capitão da aldeia —cargo dado pela Funai ao índio que negocia os interesses da comunidade com o órgão— há quatro meses. Na ocasião, cerca de três mil índios se armaram e foram até a ala terena da reserva defender o capitão. O conflito não aconteceu porque os terena recuaram. Os índios também brigam pela posse da terra, para plantar.

(AC)



Oliveira (à esq.) em frente ao túmulo de uma índia que se suicidou

ARI CIPOLA

Enviado especial a Dourados (MS)

Apesar de os sete mil índios das nações kaiuá, guarani e terena viverem na reserva de Dourados (sul do MS) sob condições miseráveis, eles preferem responsabilizar três "feitiçeiros do mal" pelos 74 suicídios ocorridos no local nos últimos dois anos. Para os kaiuá, que são 3,7 mil, somente a volta das punições aos "feitiçeiros do mal" poderia estancar um processo de auto-extermínio instalado na reserva.

"Nossos antepassados matavam ou mandavam embora os feitiçeiros do mal. A lei dos brancos não prevê o feitiço, então não podemos fazer nada contra eles", diz o capitão Carlito Oliveira, 32, uma espécie de cacique que atua como porta-voz dos índios junto à Funai.

Na crença dos índios, nem mesmo o pajé (chefe) pode desfazer o trabalho de um "feitiçeiro". A sina de um índio escolhido pelo "feitiçeiro" —ou por encomenda de um inimigo— significa, para as tribos, um processo de conturbação psicológica que pode se transformar em suicídio.

"O feitiço é a mesma coisa que um homem branco fazer veneno contra formiga ou mato. Só quem fez sabe desfazer", acredita o pajé Firmino Martinez, 50, conhecido como "Baixinho". Segundo ele, só o "feitiçeiro" pode retirar o "feitiço".

O capitão Oliveira e o índio Marcos Zeron, 62, rezaram ontem frente ao túmulo de duas mulheres de 18 anos que se mataram na véspera do Natal. Sobre as sepulcros, havia garrafas vazias de pinga. Os kaiuá levam aos túmulos bens de que seus mortos gostavam em vida.

Na tentativa de minimizar uma onda de suicídios que nos últimos 20 dias levou à morte seis índios, um grupo de kaiuá realizou a "porarey". Trata-se de uma reza, na qual os homens dançam, cantam e tocam chocalhos. As mulheres batem bambus.

Essa manifestação religiosa está ameaçada. Menos de 20% deles ainda a cultuam. A maioria dos índios foi evangelizada por missões das igrejas Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Quadrangular, Batista Livre e Metodista, que instalaram nove igrejas na reserva.

"Nossa idéia é tirar a maioria dessas igrejas daqui, porque só os metodistas (que cedem tratores para o plantio) e os presbiterianos (que têm um hospital filantrópico para os índios) nos ajudam", diz o capitão.